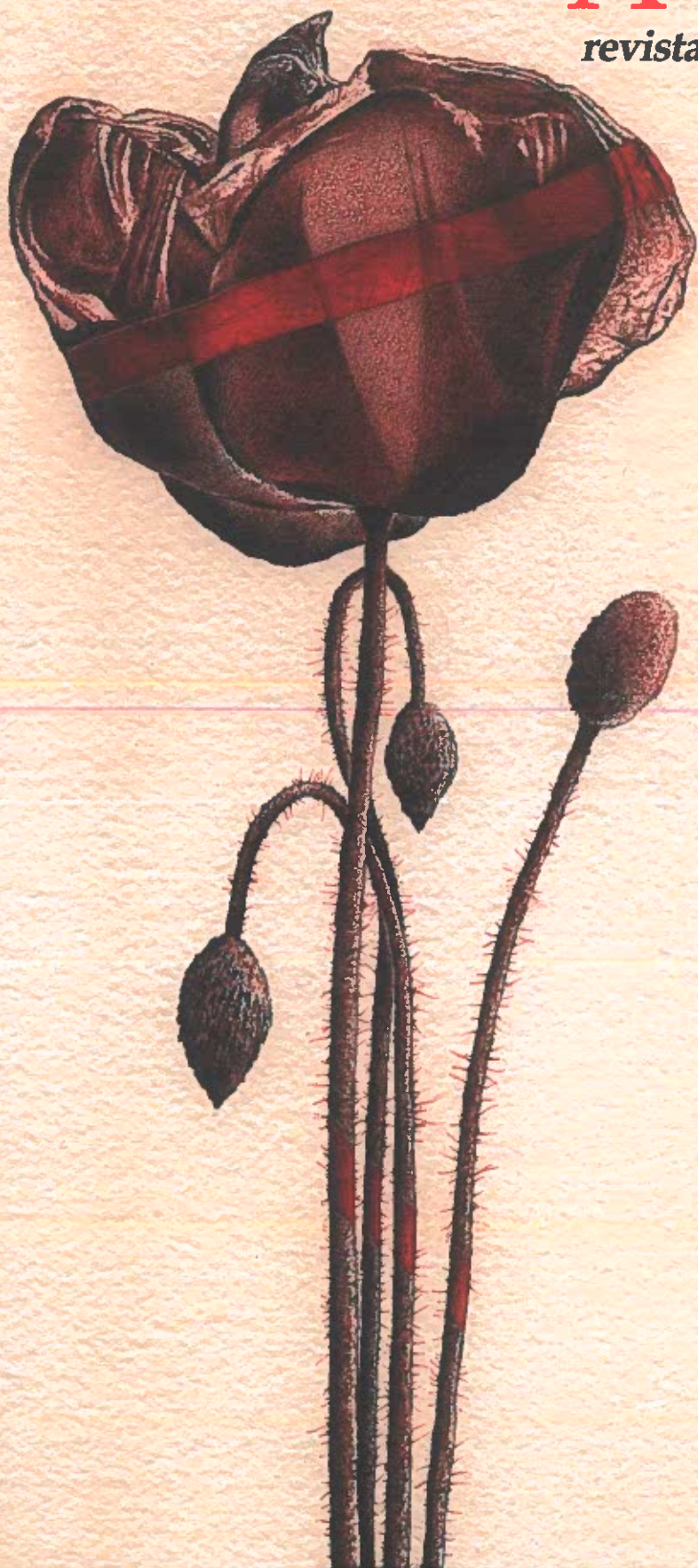


A IDEIA

revista de cultura libertária

107/ 108/ 109



periodicidade anual
outono 2025
preço voluntário

SUMÁRIO DE MATÉRIAS

Limiar	7
<i>António Cândido Franco</i> – Vida e morte da extrema-direita	9
<i>Pierre Madelin</i> – O ecofascismo tem futuro?	25
<i>João Freire</i> – As novas ameaças políticas autoritárias	35
<i>Amaredine Mudejar</i> – Dissipar as sombras no fundo do abismo	47
<i>Paulo Eduardo Guimarães</i> – Alberto Toscano e o fascismo tardio	54
<i>José Manuel Martins</i> – Iconofascistografia	57
<i>António José Queiroz</i> – Notas a propósito da Monarquia do Norte	63
<i>Pedro Martins</i> – A mentirada	71
<i>Carlos Oliveira Santos</i> – Maçonismo e anti-Antimaçonismo de Pessoa	83
<i>Luísa Costa Gomes</i> – Igreja e folclore	88
<i>António Cândido Franco</i> – Ainda o anarquismo de direita	90
<i>Luís Farinha</i> – Normalizar a memória da ditadura ou “turismo negro”?	93
<i>Juliana Teixeira</i> – Carta ao medo	95
Entrevista de Erick Corrêa com José Pinho sobre a revista Devagar	97
<i>Dulce Pascoal</i> – Nietzscheando	109
James C. Scott (1936-2024)	113
<i>João Pedro Leão</i> – David Graeber e o cuidar do mundo	121
<i>José Emílio-Nelson</i> – Pintura de [Domingos Pinho]	125
Entrevista com Fabien Lebrun sobre o extractivismo no Congo	127
<i>José Lança-Coelho</i> – História da humanidade (parte I)	133
<i>Sebastian Kalicha</i> – Uma crítica anarquista à justificação da violência	137
<i>Errico Malatesta</i> – Uma ética do amor e da solidariedade	143
<i>A. Cândido Franco</i> – “O dogma da não-violência”	145
<i>Diogo Duarte</i> – Onde a violência começa e onde a violência acaba	147
<i>Fritz Oerter</i> – Uma ética superior à dominação e à violência	149
<i>Francesco Codello</i> – Violência e não-violência	153
<i>Pedro Águas</i> – Como reagir ao insulto	157
<i>Luiz Pacheco</i> – Postal para Ana da Silva	160
<i>Ana da Silva</i> – Centenário de Luiz Pacheco	161
<i>João Raposo</i> – Dez haikus para o Luiz Pacheco	164
<i>Ana da Silva</i> – Testemunho	165

José Manuel Martins

Iconofascistografia (Melania Trump)

A pose da fascização marcial dos seres cristaliza na frieza hirta de rosto crispado da Melania-vertical. Não, não é aquela primeira foto da brasa, labareda ao alto do Greco, é a segunda, – em pose de Artura Ui zangadinhona, focinho bitcoiner de rancor –, cinza, que adere à hiperrealidade abstracta do preto-e-branco, paradoxo conhecido desde sempre dos praticantes da reprodutibilidade técnica. É também a diferença entre civil e militar, carne e osso, erotismo quente e a absoluta frieza do erotismo daimónico.

É um daimon incandescentemente gélido que assoma no seu rosto. É uma singularíssima transição de género: Melania masculinizada na sua própria feminilidade (ou auto-masculinizada pela sua própria feminilidade, como um Dalí expressaria). Uma Melania que só reemerge eroticamente feminina após atravessar a angulosidade da forma masculina (do mundo masculino), da qual (do qual, no seu semblante, encapsulado) triunfa. O apagamento *recto* do sorriso de 2017 numa compressão bilabial apenas subliminarmente *curva* de 2025, enfoca esse ponto de reemissão reptilínea de dentro da pele masculina vestida de conspícuo unissexo. O enfoque no daimon hermafrodita ocorre nas frestas ofídias dos olhos-olhar: faíscam de thánatos másculo que se desprende numa erótica de dominatrix.

Porque tudo o resto é mulher, e mesmo mais mulher do que nunca, verdadeira *Aufhebung* da sua incluída dialéctica andrógina.

Tudo nesta imagem é *studium*, não *punctum*; semiologia, não semiótica; macropercepções, não micropercepções (fora as da simulada ‘transição’). Tudo é gramática, nada é semiose; significado rectangular acabado, não obtuso, indeterminado. Pitagoricamente, mais arrumada à *direita* da tabela, seria difícil.

Assim, encontramos, primeiro, o léxico, a semântica e a sintaxe da verticalização falocrática: